
Resignação ou Luta?

Revista Marxismo e Autogestão

A sociedade contemporânea é marcada por lutas esporádicas, localizadas, algumas vezes ou outra explodem revoltas e ações coletivas de maior alcance. Porém, na maioria dos casos, reina o desânimo e a falta de engajamento mais constante e ações mais radicais. A resignação parece reinar no interior dos setores mais radicais da sociedade, tal como parte da juventude, intelectualidade, bem como nas classes inferiores, especialmente na classe operária.

A resignação, no entanto, convive com uma profunda insatisfação social. A miséria, desemprego, fome, falta de meios básicos de sobrevivência é uma realidade para quase um quarto da população mundial e a insatisfação com a vida por causa do trabalho alienado, evasão, desequilíbrios psíquicos, afetam o resto da humanidade. Uma profunda e subterrânea insatisfação existe e os problemas sociais, crises econômicas, guerras, diversas formas de violência, extremismos políticos inconsequentes, tendem a aumentar paulatinamente. Nesse contexto, a resignação, a aceitação passiva e falta de reação, apenas serve para reforçar essa tendência e tornar o que já é insuportável em ainda mais insuportável.

É por isso que não devemos, apesar de todos os obstáculos, da falta de perspectiva imediata de transformação, das divisões sociais e da dificuldade de comunicação e união que ela gera, entre diversos outros aspectos que dificultam a luta revolucionária, deixar a chama do engajamento e da revolução se apagar.

A possibilidade histórica da autogestão social existe e é uma tendência, que, por mais que esteja no atual momento enfraquecida, pode emergir com força por lutas espontâneas e autônomas que tendem a explodir no mundo contemporâneo. Sem dúvida, essas explosões de lutas espontâneas e autônomas são imprevisíveis e podem ser iniciar amanhã mesmo, para surpresa dos que estão resignados e desanimados. As revoluções não são anunciadas, são iniciadas. A iniciativa revolucionária, desde a Comuna de Paris

até a rebelião estudantil e greves operárias de Maio de 1968, passando por dezenas de outras experiências revolucionárias, inclusive posteriores (A Revolução dos Cravos em 1974 em Portugal; A Revolução Polonesa de 1980; as lutas radicalizadas na Argentina no início dos anos 2000), são geralmente surpresas agradáveis e ondas de transformação radical que move o mundo por alguns momentos. Porém, essas foram revoluções proletárias inacabadas ou pré-revoluções que não chegaram ao momento revolucionário. E uma das determinações dessas derrotas foi justamente o despreparo teórico, a luta cultural incipiente, a fraqueza das organizações revolucionárias e das organizações autárquicas das classes inferiores e do proletariado. A resignação da época se fez sentir quando ela foi superada, pois a classe dominante se reorganiza, se rearticula, usa a repressão, o divisionismo, a cooptação, como meios de frear a luta radicalizada e iniciativa revolucionária.

É por isso que, mesmo nos momentos mais difíceis e nas situações mais desfavoráveis, é fundamental lutar e buscar ampliar a força da organização revolucionária, da luta cultural, da luta social pelo auto-organização do proletariado e classes inferiores, do bloco revolucionário, etc. É somente assim que quando emergirem as primeiras lutas de uma nova onda de embates revolucionários é preciso já ter a sedimentação de uma base revolucionária.

Assim, resignar não é uma alternativa. Lutar é a única alternativa. Então é necessário superar a apatia e a resignação, que inclusive andam de mãos dadas com a evasão (hoje tão forte via internet, redes sociais, etc., na qual os indivíduos, inclusive os revolucionários, desperdiçam tempo e energias) e com conflitos inúteis, e dedicarmos à luta autogestionária. O caminho da sociedade contemporânea se aprofunda cada vez mais no sentido da selvageria, do totalitarismo, da guerra, da mediocridade, etc. Fechar os olhos e não lutar contra isso é permitir que essa tendência maléfica para a humanidade se fortaleça e se realize. Então é preciso lutar e assim reforçar a tendência contrária. Lutar e reforçar a tendência autogestionária é hoje nosso imperativo categórico, uma exigência social, política, pessoal e humana. Mexa-se! Lute! Pois hoje a opção é lute ou pereça, selvageria ou autogestão!!!